

O Latim

“As notícias referentes à abertura de uma crise política na Itália, em decorrência de decisão anunciada pelo Ministro da Instrução Pública, mostram bem o profundo grau de confusão de valores (em grande parte intencional) que lavra no mundo moderno. Um Ministro de Estado, no uso e gozo de suas funções, resolve adotar uma providência, no âmbito do ensino, que, no seu entender, será benéfica para a juventude. Imediatamente desaba sobre ele uma catadupa de doestos. Fala-se em “tentativa reacionária”, em “burocratas medíocres”, em “medida prematura e impensada”, em “pedantes e portadores de perucas”. E, para liquidar-se de vez com tão repulsiva personalidade, dá-se-lhe o tiro de misericórdia: “duro moralista” e “defensor dos bons costumes”. É indignidade demais para um homem só, e não sei como o pobre Oscar Luigi Scalfaro possa sobreviver a tanta má fama.

Afinal que pretendeu (se é que ainda pretende) o enxovalhado Ministro? Esta coisa ignominiosa: reinstaurar o ensino do Latim nas escolas do grau médio da Itália.

Pense-se bem no disparatado da medida. O Latim foi a língua da mais poderosa organização política que, em determinado momento da História, o mundo conheceu: o Império Romano. Nela compuseram poemas ou versaram temas filosóficos ou literários alguns dos maiores gênios da Humanidade: Cícero, Virgílio, Horácio, Ovídio, Catulo... Foi através do Latim que a imperecível cultura grega penetrou no mundo Ocidental. Foi, pois, o Latim portador da estrutura basilar de nossas instituições sociais e políticas: a cultura greco-latina. Mas não bastou. Durante a Idade Média, incorporou o Latim ao seu patrimônio toda a herança judaico-cristã que deu feição definitiva aos contornos espirituais da nossa civilização. Fomos, portanto, todos nós, gerados, nados e criados à sombra e à luz da frondosa e viçosa árvore latina. Nem se deve esquecer que as línguas não são simplesmente veículos da cultura, mas, o que importa precipuamente, *formas* de cultura. E, sem dúvida, a mais importante delas no plano temporal. Por conseguinte, preservar o Latim é preservar a nossa personalidade histórica. Inversamente, combatê-lo é acesso de autodestruição.

Não se trata de considerações meramente teóricas. Posso trazer o testemunho de minha atividade docente, professor que sou e tenho sido ao longo dos anos que Deus me tem concedido. Durante muito tempo lecionei Latim no Instituto de Educação do antigo Distrito Federal. Pois bem, até hoje não encontrei uma aluna sequer que não me tenha declarado espontaneamente que, para a sua boa formação de mestra, muito concorreram as noções de Latim aprendidas no antigo ginásio do Instituto. Muitas chegam a lamentar a deficiente formação que terão as atuais professorandas, que não poderão contar em seu

magistério com o auxílio insubstituível que o Latim proporciona aos que ensinam a língua pátria. Na verdade, até hoje ainda não encontrei ninguém que se dissesse arrependido por te aprendido um pouco de Latim.

Em vez disso, alguns professores um tanto ofuscados pelos progressos da Lingüística moderna ensinam aos seus alunos línguas abstratas, como se as línguas fossem meramente um jogo de relações sem qualquer conteúdo histórico-cultural. Na verdade, o ensino da Lingüística deve basear-se no conhecimento das línguas historicamente atestadas (não há línguas “naturais”) e não em códigos artificialmente elaborados. E nesse particular, como diziam os antigos, ninguém leva as lampas do Latim.

Vê-se, pois, que o desatinado Ministro Luigi Scalfaro é um tonto desenraizado. Merece os apodos que lhe deram. Mais *à la page* seria, por exemplo, incluir obrigatoriamente no currículo das escolas secundárias de seu país Erotomania ou qualquer outra ciência congênere.

[Carta aos leitores]

(*Jornal do Brasil*, 13/08/1972)

*

Camões nas escolas

É afirmação cediça, embora jamais comprovada, a de que foi a análise lógica que tornou sensaborão *Os Lusíadas* nas escolas. O juízo contrário seria mais fácil de deglutir.

Com efeito, o texto da gloriosa epopéia é sabidamente vazado nos moldes clássicos. Períodos por vezes longos, inversões freqüentes, sintaxe figuradas são obstáculos, sem dúvida, para um perfeito entendimento do poema. Daí a necessidade de comentários, que sirvam de guia por entre o emaranhado de construções não usuais.

Evidentemente o Poeta não pretendeu burlar-se do leitor. Escreveu à maneira da época, valendo-se dos modismos e vocábulos então vigentes, a que a sua invulgar cultura literária emprestou brilho e densidade raros. Analisar, isto é, descodificar a mensagem em termos lingüísticos (para usarmos de linguagem mais ao sabor dos contemporâneos), só poderia, portanto, contribuir para clarificar a trama dos versos e, portanto, tornar o texto mais assimilável. A análise lógica e sintática das estrofes é, pois, o pressuposto necessário para mergulhos quiçá mais profundos na tessitura do poema.

Não me parece, pois, que a análise lógica tenha sido a grande inimiga do poema. O que aconteceu, e que o tempo só fez agravar, foi o desgosto da cultura